

## Apresentação

Sandra Ferreira

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

FERREIRA, S. Apresentação. In: *Da estátua à pedra: percursos figurativos de José Saramago* [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2015, pp. 13-19. ISBN 978-85-68334-49-2. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

---



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

## APRESENTAÇÃO

Publicou-se em Portugal, em 1986, um romance que deu vazão a um sonho ibérico, já que, em suas páginas, magistralmente escritas, a Península Ibérica, dado um surpreendente rompimento dos Pirineus, se desliga da Europa e navega Oceano Atlântico afora, em viagem imprevista, com subidas, descidas e giros. Por meio dessa viagem, traz-se à baila o problema da identidade dos povos ibéricos, simultaneamente à criação de personagens inesquecíveis, como Joana Carda, Pedro Orce, José Anaiço, Maria Guavaira e Joaquim Sassa. Esse romance: *A jangada de pedra*, de José Saramago.

O ousado criador de *O Evangelho segundo Jesus Cristo* tem sido louvado pela crítica por ser o autor de parábolas, marcadas pelo entrelaçamento de imaginação, ironia e piedade, que nos permitem apreender de forma contínua uma realidade ilusória. Eis uma das razões da Academia Sueca para lhe conceder o Nobel de Literatura em 1998. É igualmente célebre pela mistura que faz entre realismo mágico e crônica política em sua obra. Sendo assim, pode-se dizer que Saramago é um profeta cético que leva o leitor a crer na palavra dos seres humanos, os quais, em geral, não são muito dignos de créditos, mas, em particular, podem surpreender, sobretudo quando convertidos em personagens delineadas no campo do que de mais comovente e inquietante constitui a humana condição, a exemplo

dos Mau-Tempo, Blimunda, Baltasar, Lídia, a mulher do médico, Sr. José e tantas outras, constitutivas de uma galeria que, por ter sido impressa neste mundo, já o torna mais habitável.

Que dizer dos torneios linguísticos que configuram o enunciado, o enunciador, as personagens, bem como os tempos e espaços em que essas se movem e as ideias que lhes giram cabeça adentro e mundo afora? Língua portuguesa da melhor qualidade, intensa, com seleção lexical rigorosa, efeitos semânticos imprevistos, graça – por vezes densa, por vezes leve – no exercício sintagmático. Uma língua escrita em que se pode ouvir a língua falada: é dessa língua que se compõem os romances de Saramago, por meio dos quais alcança o estatuto de senhor dos processos sintáticos e de admirável construtor de tropos que muito honram a língua portuguesa, revelando-lhe as mil faces expressivas.

O romance, geralmente encarado como um meio de retratar o comportamento humano, costuma, nas mãos de Saramago, adquirir o tom e a forma de uma paixão profética ancorada em uma estética fértil que recria, tacitamente, a fragmentação da experiência. Isso se pode dizer de *A jangada de pedra* (1986), *Ensaio sobre a cegueira* (1995), *Todos os nomes* (1997) e *A caverna* (2000). Com esses romances, Saramago parece exercitar a máxima de Nietzsche dirigida aos rebeldes numa era de não-rebeldia: “Objeção, evasão, desconfiança feliz e amor pela ironia são sinais de saúde, tudo que é absoluto pertence à patologia” (1992, p.45). Nesses romances sobressaem a observação arguta e o tom nostálgico que lamentam as consequências do individualismo atomístico e tentam superá-lo – especialmente em *A Jangada de Pedra* e *Ensaio sobre a cegueira* – com a constituição do grupo solidário, formado durante as deambulações fantasmáticas enredadas nessas duas obras.

Em *A jangada de pedra*, Saramago deixa transparecer o construtor de utopias, dando vida a um romance que tem sido interpretado como alegoria antieuropeísta, já que, nele, propõe a fictícia união da Península Ibérica à África e ao Brasil. De enredo fascinante, o romance á admirável pelo manuseio das palavras e pela arquitetura das figuras. *A jangada de pedra*, além de evidenciar as preocupações de Saramago

quanto à União Europeia, mobiliza uma dimensão mítica e concentra reflexões sobre o ser-no-mundo, por meio de agenciamentos múltiplos entre personagens, ações, tempos e espaços combinados de modo a compor um painel da miséria e grandeza humana.

Esse painel que *A jangada de pedra* anuncia – após o interregno representado pelo viés historicista de *História do Cerco de Lisboa* (1988) e pelo perturbador *O Evangelho segundo Jesus Cristo* (1991)<sup>1</sup> – será retomado e ampliado em nuances mais universalizantes sobre o estar-no-mundo: *Ensaio sobre a cegueira*, *Todos os nomes* e *A caverna* compõem uma tríade da busca, romances que, cada um a seu modo, retomam a desterritorialização humana em dimensões kafkianas: *Ensaio sobre a cegueira* – a busca do que nos torne capazes de ver o abismo em que nos afundamos; *Todos os nomes* – a busca do outro para encontrar-se consigo mesmo; *A caverna* – a busca de valores e procedimentos banidos da sociedade do espetáculo. É visível que *A jangada de pedra* e os três romances citados encontram-se ligados pelo fio alegórico da consternação diante da vertigem gerada pelo muito que nos falta cumprir para que nossa humanidade se efetive.

Sobre os romances de Saramago – a exemplo de *Levantado do chão* (1979), exemplar na recriação da miséria alentejana; do monumental *Memorial do Convento* (1982), depositário de grandes e pequenas obras dos seres humanos; de *O ano da morte de Ricardo Reis* (1984) e *História do Cerco de Lisboa* (1989) e seus embaralhamentos entre ficção e história – muito se tem dito, desde antes do Nobel de 1998. O propósito do ensaio ora apresentado é juntar-se às leituras sobre a obra de Saramago, desenvolvendo uma leitura comparativa – por aproximação e contraste – de quatro de seus romances, por meio de

---

1 *O Evangelho segundo Jesus Cristo* pode ser considerado um primeiro divisor de águas do conjunto dos romances de Saramago. Eduardo Calbucci, por exemplo, afirma que a partir do *Evangelho* “percebe-se um desprendimento de temas inerentes a fatos da nacionalidade, para substituí-los por parábolas não propriamente portuguesas, mas de caráter generalizador” (1999, p.119). Nossa opção por tomar *A jangada de Pedra* como contraponto à trilogia de feição universal deveu-se às amplas possibilidades abertas pelo estudo comparativo entre *A jangada de Pedra* e *Ensaio sobre a cegueira* e, na sequência, pelo rastreamento das ressonâncias que o segundo romance citado produz em *Todos os nomes* e *A caverna*.

um recorte o menos caótico possível num universo amplo como o do romancista português, com vistas a montar uma órbita de questões que possibilitem uma aproximação de seu universo, ordenando nossas leituras sobre sua obra a partir de um foco específico: um exame detido de um romance da fase mais nacional, *A Jangada de Pedra*, contraposto a uma trilogia romanesca da fase universal, constituída por *Ensaio sobre a cegueira*, *Todos os nomes* e *A caverna*.

As leituras propostas pretendem explicitar espelhamentos e refrações entre *A Jangada de Pedra* e *Ensaio sobre a cegueira*, bem como as muitas ressonâncias entre *Ensaio sobre a cegueira*, *Todos os Nomes* e *A caverna*, para fornecer um horizonte de convergências estruturais e/ou temáticas perceptível no confronto das obras. Tendo em vista que os títulos selecionados vinculam-se ao gênero romance, convém retomar brevemente alguns pressupostos teóricos, para iluminar as bases da busca pelo sentido das coisas empreendida pelas personagens nos romances aqui considerados.

Por ser a epopeia de nossos dias, conforme Georg Lukács, coube ao romance a impossibilidade, imposta pelos tempos modernos, de apoiar-se em sagas e mitos plausíveis, já que o mundo se tornou prosaicamente organizado e despido de mitos, convertendo-se em uma realidade que se conhece por meio de experiências. Por essa razão, hoje, em vez de falar a um auditório reunido a sua volta, o narrador escreve para leitores isolados.

Lukács recomenda uma amplamente utilizada sondagem de extração aristotélica: saber se, em relação ao real, a alma das personagens é demasiado estreita ou demasiado larga. Assim, a concepção que sustenta a teoria sociológica de Lukács, no que toca à forma romanesca, centra-se no entender essa forma como o reflexo de um mundo deslocado. Para o teórico húngaro, o romance e a epopeia são as duas objetivações da grande literatura épica:

O romance é a epopeia de um tempo em que a totalidade extensiva da vida não é já dada de maneira imediata, de um tempo para o qual a imanência do sentido à vida se tornou problema mas que, apesar de tudo, não cessou de aspirar à totalidade. (Lukács, s.d., p.55)

Se a narrativa do mundo total, em tom elevado, é a epopeia, a narrativa do mundo particular, feita em um tom particular a um leitor particular, é o romance. Enquanto a epopeia apresentava uma totalidade de vida acabada por ela mesma, própria dos tempos em que os deuses falavam aos homens, o romance procura descobrir e revelar a totalidade secreta da vida, num tempo em que os deuses se calaram e a individualidade se tornou problemática, já que, aquilo que lhe é essencial, ela descobre em si, não mais como fundamento imanente de seu ser, mas como objeto de busca.

Conforme Lukács (s.d., p.178), o protagonista torna-se problemático quando o mundo exterior perde contato com as ideias e essas ideias se tornam fatos psíquicos subjetivos ou, mais precisamente, ideais. As ideias passam a ser apresentadas como inacessíveis, irrealis, porque se tornaram ideais, instituindo no mundo a separação entre o ser da realidade e o dever-ser do ideal. Esta separação, por sua vez, instaura o conflito interior que impõe a busca do sentido da existência no mundo contingente. Essa a busca efetuada pelas personagens nos romances em pauta.

A leitura dos quatro romances selecionados, em chave comparativa, pretende abrir a rede associativa, instituída como estrutura textual, comum aos quatro romances e autônoma em relação ao tema de cada um, de modo que se definam figuras presentes de maneira esparsa em cada romance. Sendo assim, em “Por mares de antes navegados”, apresentam-se reflexões sobre o contexto histórico com o qual *A jangada de pedra* dialoga, concernentes à União Europeia e ao posicionamento de José Saramago frente a ela, tocado pela crença na necessidade imediata de moldar a história. Em seguida, será montado um horizonte de leitura em que personagens, eventos, contornos da escritura e, por fim, as relações com o *Ensaio sobre a cegueira* sejam evidenciados.

“Imagens e miragens” verifica a tessitura romanesca de *Ensaio sobre a cegueira*, explicitando como ela confere força estética ao convite feito por Saramago para a reflexão sobre as estratégias anestesiantes que levam os humanos a aceitar o inaceitável, em tempos de horrores deliberadamente planejados. Esse romance abole as marcas

históricas – nele não há explicitação de tempo e espaço, nem nomeação convencional das personagens – e inaugura a fase *pedra*, em que a ficção de José Saramago ganha contornos mais universalizantes.

A leitura de *Todos os nomes*, efetuada em “A palavra envolvente”, considera a configuração do amor do Sr. José pela mulher desconhecida como alegoria do amor pelo passado, também por conhecer e preservar, e também como alegoria da memória, inscrita no projeto de reintegração dos mortos aos vivos. Os expedientes narrativos de *A caverna*, considerados em “Vontade de Verdade”, revelam a imobilidade do espírito num mundo cuja mobilidade maior parece ser a tecnológica. Esse romance, revisitando a alegoria de Platão, constrói-se como negação do mundo reduzido a uma caverna econômica, onde as possibilidades humanas são encarceradas pelo motivo do lucro e anestesiadas pelos simulacros da sociedade do espetáculo.

O conjunto dos quatro romances revela que as ações singulares encenadas pelo romancista português configuram experiências-limite, que ilustram a impossível reconciliação entre o tempo dos acontecimentos e o incomunicável desejo de totalidade dos protagonistas, os quais – embora estejam momentaneamente ante o ser-para-a-morte – recusam-se a colaborar para a invalidação do ser e da memória.

As leituras, orientadas por uma crítica dialética dos romances estudados, elegem como ponto de partida o que está na configuração deles, as luzes que lhe são próprias, para verificar onde essas luzes incidem na sociedade. Em vista disso, as análises procuram demonstrar que os romances considerados se organizam de um modo estético e ético revelador, cujos fundamentos estão na organização do mundo e são descobertos caso a caso.

Construída em torno de alguns pontos fortes que ligam palavras, imagens e afetos, a arquitetura romanesca do autor de *Manual de Pintura e Caligrafia* (1977) compõe um universo de leitura que provoca um sentimento simultâneo de estranheza e familiaridade. Interessa-nos revelar os diversos elementos de construção que não cessam de metamorfosear-se em combinações várias: a jangada de pedra navega, a cegueira e a visão se desdobram na Conservatória

Geral, labirinto de mortos e vivos em que nada é o que parece ser, crise idêntica à instalada no Centro Comercial, erigido sobre a caverna de que nos falou Platão.

Um rol de cenas romanescas e biográficas dá corpo às leituras apresentadas neste ensaio, cujo propósito maior é identificar as coordenadas que organizam a ficção para, pelo menos em relação aos romances estudados, compor um quadro da apreensão obsedante do romancista português, de modo a assinalar a coerência de seu pensamento e de sua estética ao longo do tempo.